

IV

O REINO DE ISRAEL PREFIGURA DA MODERNA CRISTANDADE

— A restauração final do Império Romano.

Antes de encetarmos o minucioso estudo da besta apocalíptica de dois cérmos (Apoc. XIII: 11/18), que tem, sem dúvida alguma, existência atual e representa a última etapa da chamada civilização cristã ocidental, vamos fazer um pequeno retrospecto à História do povo de Israel, que prefigura da moderna Cristandade.

Após um período de grande prosperidade, sob os reinados dos reis Saul, David e Salomão, viu-se Israel a braços com seríssima contenda, da qual resultou sair o reino definitivamente dividido em dois:

o de Israel que, tendo por capital SAMARIA, agrupou em si 10 das 12 primitivas tribus;

e o de Judá, que, tendo por capital JERUSALEM, conservou consigo, fiéis, 2 tribus: as tribus de Judá e Benjamin.

Aquele primeiro reino, cujo afastamento das primitivas e sagradas leis de Jeová foi o principal fator da cisão, após haver CAÍDO NA MAIS PROFUNDA IDOLATRIA, foi definitivamente esmagado, em 722 A.C., pelo rei Sargão II da Assíria e por esta socialmente absorvido.

O segundo, que se conservará, mais ou menos, fiel à antiga lei mosaica, não pôde, entretanto, esquivar-se à mesma sorte de seu irmão, e, em virtude também de grande, porém não total e definitiva apostasia, foi destruído em 606/5-587 AC., pelo rei Nabucodonosor, de Babilônia. Este, que levou cativos para Babilônia, não só o rei Joaquim, que ali ficou prisioneiro 37 anos, mas também as mais importantes personalidades judaicas, terminou definitivamente a sua obra de destruição do reino de Judá no ano 587 AC., quando, por intermédio do seu general Nabusardan, arrasou a cidade de Jerusalém e pôs fogo ao célebre templo de Salomão, em represália a haverem os remanescentes israelitas buscado o auxílio e apoio do Egito para uma projetada sublevação contra Babilônia.

Setenta anos durou, bíblicamente, o cativeiro de Judá sob o jugo babilônico (606/5-536/5 A.C.). Três reis exercearam, sucessivamente, confór-

me aos relatos bíblicos, o espesinhamento do povo de Israel: Nabucodonosor, "seu filho" Evilmerodac e "o filho de seu filho", o rei Baltazar.

Mais de ordem política e social do que de ordem espiritual ou religiosa, aquele cativeiro durou históricamente até o ano 538 A.C., quando Ciro, célebre rei e conquistador persa, o principal representante daquele URSUS místico de que nos fala Daniel VII, sitiando Babilônia e nesta penetrando pelo leito do rio Eufrates, magistralmente desviado, pôs termo ao Império Babilônico e ao jugo deste sobre Israel.

Feita esta preliminar e importante digressão, passemos a estudar a besta apocalíptica de dois córns — A BESTA DA TERRA — que, em sua derradeira etapa — a última da civilização humana — deverá reproduzir, como já o vem fazendo desde 1798, o espesinhamento gentílico do povo de Deus por um novo e místico império assírio-babilônico.

A segunda parte deste império corresponderá à restauração da Grande Babilônia Mística ou seja, à atuação universal de um grande e derradeiro Império Romano, místico ou pagão, real ou ideológico, iniludível precursor ou parte integrante do grande e final anti-cristo, incontrastável indicador da imediata volta de Nosso Senhor Jesus Cristo a este mundo.